UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III

DEPARTAMENTOS DE LETRAS

CURSO DE LETRAS-INGLÊS

GENEILSON LIMA ARAÚJO

O HOMEM LULA DE HOLANDA EM *FOGO MORTO*: UMA DESCONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE ESTEREOTIPADA DO SERTANEJO NORDESTINO

GUARABIRA-PB

2024

GENEILSON LIMA ARAÚJO

O HOMEM LULA DE HOLANDA EM *FOGO MORTO*: UMA DESCONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE ESTEREOTIPADA DO SERTANEJO NORDESTINO

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao curso de Letras-inglês, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em Letras-inglês.

Área de concentração: Literatura Brasileira

Orientador: Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Souza

GUARABIRA-PB

2024

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663h Araújo, Geneilson Lima.
O homem Lula de Holanda em "Fogo morto" [manuscrito] : uma desconstrução da masculinidade estereotipada do sertanejo nordestino / Geneilson Lima Araújo. - 2024.
31 f.

Digitado.

Monografia (Graduação em Letras inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa, Departamento de Letras - CH".

1. Masculinidades. 2. Sertanejo. 3. Nordestino. 4. Homência. 5. Fogo Morto. 6. Lula de Holanda. I. Título

21. ed. CDD 869.30872

Elaborada por Maria Suzana Diniz da Silva - CRB - 15/873 BSC3

GENEILSON LIMA ARAÚJO

O HOMEM LULA DE HOLANDA EM *FOGO MORTO*: UMA DESCONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE ESTEREOTIPADA DO SERTANEJO NORDESTINO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciatura em Letras Inglês.

Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 22/11/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Prof. Dr. Rafael Francisco Braz
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho a minha mãe, pois manifestou em essência à Força Divina da possibilidade e da impossibilidade para me equilibrar em inúmeros momentos até nossa conquista.

AGRADECIMENTOS

A excelência na realização deste Trabalho de Conclusão de Curso só foi possível por intermédio das grandes vibrações positivas do Universo, pois, com o intuito de me presentear, entrelaçou grandes seres humanos nesse processo, assim expresso minha profunda gratidão nestas palavras.

Antes de tudo, assim como creio que a significativa parte sua está em mim, seu amor e poder, visto que, se cristalizou em minha inteligência e força, agradeço ao meu Pai Supremo, Ser de divino afeto por minha existência, que planejou todas as situações para me fazer forte, ciente, feliz e realizado.

De igual medida, o Pai se deu a mim pelo amor materno de minha Mãe Das Graças, agradeço, pois reconheço sua esperança depositada no meu ser, Senhora Das Graças, quando me acolheu em vários momentos.

Minha profunda gratidão vai para a minha família que se permitiu sentir a essência de nosso laço e propósito de estarmos juntos, assim, agradeço à corrente indestrutível que me auxiliou.

Em especial, agradeço à minha mãe, que é a fonte divina de força, a mulher que personifica o Amor Supremo de Deus.

Agradeço o apoio emanado com carinho maternal pela minha tia (segunda mãe), minhas irmãs, meus irmãos, meu pai, minhas tias e tios que torceram pela minha conquista. E muito obrigado neste trajeto de esperança em mim, pelos meus amigos diretos e indiretos.

Agradeço à liga de professores que presenciaram meu desempenho e dedicação; professores que reservaram seus segundos, minutos e horas para me incentivar; professores que me possibilitaram enxergar o topo; professores que incorporaram o exemplo de educadores; professores que manifestaram o mundo mágico do acreditar; professores que me inspiram a mudança.

Aqui, faço necessário o agradecimento ao meu orientador que me fez aprender, desaprender e reaprender para que eu atingisse tamanho êxito.

Por fim, registro meu agradecimento a todos que contribuíram para a realização dessa pesquisa, sem estes não seria possível. Meus agradecimentos pelo compartilhamento do saber essencial que me instruiu nas valiosas informações que fundamentam essa conquista.

“Nós nunca descobriremos o que vem depois da escolha, se não tomarmos uma decisão. Por isso, entenda os seus medos, mas jamais deixe que eles sufoquem os seus sonhos.”

(Alice no País das Maravilhas)

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo discutir a questão regional nordestina sobre as masculinidades, especificamente, ressaltando o conjunto de características que construiu por muito tempo o homem nordestino, e seu surgimento. Utilizaremos uma abordagem qualitativa explicativa que concilia ambas as pautas — masculinidade e o regionalismo — através do romance *Fogo Morto* de José Lins do Rego, publicado em 1943, uma obra regionalista que mostra a decadência dos engenhos de cana-de-açúcar no nordeste, assim como, o declínio psicológico-social dos personagens principais: José Amaro, Lula de Holanda e o Capitão Vitorino. Esse estudo inova na sua perspectiva de explorar a obra, pois se distancia da temática geral do romance (a decadência do "engenho Santa Fé" na Várzea do Paraíba, atual estado da Paraíba) focando na análise das características que constroem a masculinidade do personagem Lula de Holanda. Logo, fundamentado pela obra de José Lins Rego. Buscaremos observar os aspectos da masculinidade num estudo de Benno Keijzer (2003), adiante, uma introdução dos elementos que constrói o homem sertanejo nordestino por Euclides da Cunha (1902) com o auxílio da publicação de por Durval Muniz (1999) na aparição do nordestino na literatura de cordel.Em suma, essa pesquisa acentua que os resultados encontrados é traçado entre características masculinas tradicionais que estereotipa o homem nordestino (força, coragem, determinação, violência, machismo, patriarcado), noutra perspectiva, enxergamos novos elementos compositores da masculinidade por meio da análise de Lula de Holanda, sobretudo, características contraditórias da visão difundida do sertanejo, uma vez que este explicita elementos passivos de masculinidade, aliás, rompe inteiramente com o sistema de homência sertaneja.

Palavras-chaves: Masculinidades; Sertanejo; Nordestino; Homência; *Fogo Morto*; Lula de Holanda.

ABSTRACT

The main objective of this work is to discuss the regional issue of masculinizes in the Northeast, specifically the set of characteristics that have long built the Northeastern man, and his emergence. We will use a qualitative explanatory approach that reconciles both subjects - masculinity and regionalism - through the novel Fogo Morto by José Lins do Rego, published in 1943, a regionalist novel that shows the decline of sugar cane mills in the northeast, as well as the psychological and moral decline of the main characters: José Amaro, Lula de Holanda and Captain Vitorino. However, this investigation innovates in its perspective of exploring the novel because it distances itself from the general theme of the book - the decline of the "Santa Fé" sugar mill in Várzea do Paraíba, the current state of Paraíba - focusing mainly on the analysis of the characteristics that build the masculinity of the character, Sir Lula de Holanda. Therefore, it is based on the work of José Lins Rego. We will seek to observe the aspects of masculinity in a search by Benno Keijzer (2003), after an introduction of the elements that construct the sertanejo by Euclides da Cunha (1902) with the help of the publication by Durval Muniz (1999) on the appearance of the northeastern man in Cordel Literature. In short, this research emphasizes that the results found are traced between traditional masculine characteristics that stereotype the northeastern man (strength, courage, determination, violence, sexism, patriarchy). From another perspective, we see new elements that compose masculinity through Lula de Holanda's analysis. Above all, contradictory characteristics of the diffuse vision of the sertanejo, since Lula has explicit passive elements of masculinity; in fact, He breaks with the system of sertanejo's essence masculine.

Keywords: Masculinity; Sertanejo; Northeastern; Essence masculine; *Fogo Morto*; Lula de Holanda.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 8
2 DA TRAMA ÀS PERSONAGENS 10
2.1 Fogo Morto: em tramas. 10
2.2 Das personagens e suas vozes. 10
2.2.1 O Mestre José Amaro: o amargo 11
2.2.2 O Capitão Vitorino: o guerreiro 12
2.2.3 Lula de Holanda: o decadente 14
3 O HOMEM NORDESTINO E A NATUREZA DO DISCURSO 18
3.1 Estudos de gênero: a masculinidade 18
3.2 O sertanejo pelas lentes de Euclides da Cunha 19
3.3 Literatura de cordel ao homem sertanejo 21
4 FOGO MORTO: SEM ASCENDER AS CALDEIAS 23
4.1 Rusticidade nos hábitos e a ruptura do paradigma 23
4.2 A bravura dos pais e a inanição dos filhos. 25
4.3 Lula: Desconstrução da homogeneidade masculina. 27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 31
REFERÊNCIAS 32

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa planeja realizar uma leitura de *Fogo Morto* (1942), de José Lins do Rego, e visamos compreender o comportamento desviante de Lula de Holanda em um local no qual a virilidade, a rusticidade e a violência prevalecem. Em paralelo a isso, afunila-se a reflexão, visando expor as características estereotipadas do homem sertanejo até pontuar o leque de características que rompe os elementos compositores rústicos por Lula, aliás, traz à luz o debate sobre masculinidade, e a aparição do sertanejo forte. Centralizando essa investigação em Lula de Holanda, pois, percebemos que Lula difere do comportamento estereotipado do homem sertanejo/nordestino, ou seja, Lula de Holanda é caracterizado com um personagem intelectual, dócil e frágil em meio à rusticidade do *locus* em que se encontra.

No enredo de *Fogo Morto*, temos uma narrativa que apresenta a história de três homens, sendo dividida da seguinte forma: O Mestre José Amaro, O engenho de Seu Lula e O Capitão Vitorino. Nesta divisão, o leitor observa o comportamento de três personagens e o seu papel social no interior nordestino. O mestre Zé Amaro e o Capitão Vitorino são exemplos vívidos da constituição do estereótipo masculino, no contexto da obra em análise, porquanto esses apresentam um comportamento voltado às expectativas da *homência*[1] "requerida" no espaço em que habitam. Por sua vez, Lula de Holanda diverge do comportamento observado na construção do homem rústico nordestino, pois destacamos um grau de intelectualidade, fragilidade e vaidade nesse personagem. Dito isto, delimitaremos o nosso olhar crítico à especificidade comportamental divergente entre o coronel Lula de Holanda e os outros homens presentes em *Fogo Morto.*

Com base nessas discussões preliminares, esta pesquisa está alicerçada nas seguintes contribuições teóricas e críticas: a concepção de masculinidades nos estudos de gêneros, por Benno de Keijzer (2003); e Euclides da Cunha (1902), em *Os Sertões*, descreve o retrato comportamental e a constituição física do sertanejo nordestino, assim podemos inferir uma generalização dos atributos do "ser homem", no contexto sertanejo. Assim como, Muniz (1999), em *Quem é frouxo não se mete*, apresenta o fortalecimento da masculinidade nordestina com base na literatura de cordel; Almeida (2022) aborda os aspectos composicionais dos personagens em *Fogo Morto;* as considerações de Fernandes e Albuquerque (2019), a respeito do patriarcado e machismo. Assim como, a perspectiva do declínio da figura masculina no romance, por Soares, *et al.* (2018). Acreditamos que essa bibliografia teórica e crítica favoreceu o desenvolvimento desta pesquisa.

Seguindo o percurso metodológico, esta é uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e explicativa, pois segundo Silveira e Córdova (2009) "objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais" (Silveira; Córdova, 2009, p. 34). Ao adotarmos um enquadramento qualitativo para este exame crítico, entendemos que essa vertente analítica "não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.". (Silveira; Córdova, 2009, p. 31). Sobre o viés explicativo, Gil (2008, p. 28) destaca que "[…] têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. […] porque explica a razão, o porquê das coisas". Logo, ao adotarmos essa tríade metodológica, alcançamos a nossa meta analítica.

---

[1] O neologismo "Homência" surge no conto "A Hora e Vez de Augusto Matraga", de Guimarães Rosa, termo usado dentro desse contexto como sinônimo másculo honrado, portanto, por oposição a homência, pessoa honrada ou não subordinada a outros, estão os adjetivos pejorativo: desonrado, desmerecido. "Homência", pertence ao léxico inovador de Guimarães, formado a partir do nome "homem" com o sufixo "-ncia".

O interesse pela temática da masculinidade emerge quando observamos a falta de informação a respeito dos elementos que compõem o ser homem. Na sequência, o fato que transborda a desinformação é relutância na crença compartilhada que a masculinidade é cristalizada, no sentido dos atributos construtivos serem restritivos: é homem ou não é homem, afim, esse conteúdo não circula com um olhar crítico e essencialmente, faz a masculinidade que molda o homem, um assunto não vinculado por entre a sociedade.

Nesse sentido, especificar o estudo na masculinidade no recorte nordestino, é mais intrigante, uma vez que, percorre nas educações familiares uma "performance" das crianças (meninos). Secundariamente, esse estudo se justifica pela predominância de discursos machistas, patriarcais, opressores, logo, é evidente que não existe somente uma questão insistente pela "performance" masculina, mas a destilação do machismo enraizado, que rejeita o comportamento feminino.

Nesse momento, se faz necessário justificar também a obra escolhida, *Fogo Morto* (1942). Assim, as narrativas exclusivas de descrição ambiental, modo narrativo, a linguagem escolhida por José Lins do Rego no romance de 30 são fontes nostálgicas e ramificadas de questões sociais para entender os conflitos reais. Além disso, a obra *Fogo Morto* (1942), é protagonizada por homens, consequentemente, são circunstâncias adequadas para uma análise das masculinidades, aliás, a verossimilhança do cenário históricos-sociais sertanejo; e o regionalismo compõem características dos romances da década de 1930. Quanto à delimitação do personagem Lula de Holanda, ele rompe com um paradigma comportamental, pois o fato de sua intelectualidade o destoa dos outros homens do romance, tornou essa peculiaridade motivo suficiente para observamos uma largada na desmitificação das características homogênea da masculinidade na região nordeste.

Por fim, apresentamos a organização estrutural deste estudo; primeiramente, faremos uma apresentação da obra analisada e nos deteremos em uma explicação mais detalhada sobre três homens que se destacam na trama, ordem dos capítulos alterados para vislumbrarmos a quebra das expectativas por Lula: Mestre Zé Amaro, Capitão Vitorino e Seu Lula de Holanda. Após esta visualização da obra, realizaremos uma discussão teórica que aborda três especificidades: 1) a figura do sertanejo e suas especificidades; 2) o estereótipo violento do nordestino; e 3) uma discussão sobre o conceito de masculinidades. Dessa forma, com base nos desdobramentos teóricos e críticos, examinamos *Fogo Morto* (1942) e visamos entender o comportamento desviante de Seu Lula de Holanda, um personagem que rompe com o padrão comportamental do homem sertanejo/nordestino.

2 DA TRAMA ÀS PERSONAGENS

2.1 *Fogo Morto*: em tramas

Fogo Morto é um romance publicado em 1942 e encerra o denominado "Ciclo da cana-de-açúcar". Esta obra foi escrita por José Lins do Rego, após outros cinco livros publicados sobre a temática canavieira, sendo os seguintes: *Menino de engenho* (1932); *Doidinho* (1933); *Banguê* (1934); *O moleque Ricardo* (1935); e *Usina* (1936).

A narrativa de *Fogo Morto* se passa em um cenário rural da Paraíba, na cidade do Pilar, especificamente, nas extremidades do engenho "Santa Fé", que primariamente pertencente ao seu Tomás Cabral de Melo, posteriormente uma propriedade do coronel Lula de Holanda, o genro. A obra retrata a vida dos sertanejos/nordestinos no período de declínio da produção açucareira que é, naquele momento, o recurso econômico da época. Consequentemente, a ambientação da história reflete a dureza da vida dos envolvidos nesse contexto, proporcionando uma nostalgia e, ao mesmo tempo, melancolia, visto que, a decadência do engenho abrange também o declínio dos principais personagens do romance: José Amaro, Lula de Holanda e Vitorino. A obra é dividida em três partes, são elas: O Mestre José Amaro (Primeira Parte); O engenho de seu Lula (Segunda Parte); e O Capitão Vitorino (Terceira parte).

A crise financeira sofrida pelo Engenho Santa Fé contrasta com muitos detalhes que viabilizam a rotina diária dos indivíduos que habitam a região. Isto é, suas lutas e seus sonhos, os quais são quesitos importantes para termos ciência da realidade nordestina na época, dado que, os personagens, ao decorrer da trama, são condicionados à vivência dura, sofrida e as interações conflituosas. Dessa maneira, este panorama de instabilidade requer que se estabeleça imagens de resistência e fortaleza. Neste sentido, as exigências de firmeza são depositadas e direcionadas, pelos aspectos culturais, aos homens. Assim, estas figuras assumem um revestimento de bravura, força bruta, violência: *homência*. Nesse universo, três figuras se destacam: "os sertanejos"; os coronéis e os jagunços, logo, figuras típicas e símbolos de dominância no Nordeste e no cenário da narrativa de *Fogo Morto.*

2.2 Das personagens e suas vozes

A obra *Fogo Morto* se dá por uma leitura fragmentada, em três partes, tais partes se estruturam conforme o enfoque em características, vivências, posições sociais e masculinidades de homens distintos. Nesse viés, é essencial que a apresentação desses homens sejam ferramentas propulsoras para uma comparação das masculinidades existentes, com intuito de investigar as fontes dos comportamentos sociais manifestados por cada um destes por serem práticas do "ser homem" completamente diferentes.

Dito isto, estes homens são envolvidos em dois padrões de *homência*: a primeira, o homem rústico, masculinidade estruturalmente típica do sertanejo nordestino exibida pelo mestre Zé Amaro e Vitorino, homens conectados a sua realidade e aprovados pelas demandas culturais. Segundo, o homem intelectual, masculinidade sobrecarrega de questionamentos e preconceitos, Lula de Holanda, sendo o alvo principal dessas práticas, por ser um homem anexado à conduta da idealização sertaneja/nordestina, convertendo-se ao desligamento da situação real do contexto.

Inicialmente, a divisão do romance se externa em "O Mestre José Amaro", a primeira parte que se debruça na história do celeiro Zé Amaro, suas convicções, família e amargura

experienciada pelas circunstâncias cruéis da vida. Acima de tudo, acompanhamos a trajetória de um homem em seu "encerramento" no modo de vida trabalhista. Em seguida, a narrativa da segunda parte, "O engenho de seu Lula", é envolvida na história desveladora do romance que é o "engenho Santa Fé", propriedade de Luis Chacon (seu Lula).

Nesse sentido, a segunda parte do romance menciona os problemas de mudanças sociais e econômicas que, desta vez, são enfrentadas por Lula de Holanda, ainda que Lula esteja incluso no processo de se encontrar como "coronel" e líder de um engenho. Já a terceira parte da obra, intitulada de "O capitão Vitorino", a narrativa se concentra na imagem do Capitão Vitorino, um homem que simboliza a transição política entre o antigo regime e o novo momento institucional.

Diante do exposto, os principais personagens que movem a trama de *Fogo Morto* são por excelência os homens, que performam os atributos requeridos de *homência* na região, com exceção do coronel Lula. Por conseguinte, os personagens femininos são figuras secundárias. Entretanto, ainda que exista um padrão comportamental preestabelecido que deva completar a todos os indivíduos do gênero masculino no contexto sertanejo nordestino, há, portanto, uma variação de masculinidades considerável na construção tanto física quanto mental dos personagens protagonistas desse romance.

2.2.1 O Mestre José Amaro: o amargo

Na primeira divisão do romance, "O Mestre José Amaro", conhecemos inúmeros aspectos que construíram o protagonista conhecido como "mestre Zé". O Amaro é um senhor que trabalha com peças de sola no espaço anexado de sua casa, casado com dona sinhá, e pai de uma única filha chamada Marta. Apresentado como seleiro, é um homem trabalhador, de classe socialmente vulnerável e depende de seu trabalho de artesão. Sua moradia, deixada pelo seu pai, sendo essa casa instalada nas propriedades do senhor de engenho, é seu único bem material.

Dessa maneira, José Amaro representa a classe subserviente no contexto do grande produtor econômico de Pilar, todavia, um homem que não presta serviços ao coronel Lula de Holanda por desconsiderá-lo digno de sua posição social. Contudo, o comportamento de Amaro elucida o protótipo de ser homem, por ser predominantemente marcado pela dominância do seu espaço, ou seja, um homem rígido, alicerçado na herança do modelo patriarcal que é plantado e fixamente propagado com panorama ideal no contexto sertanejo. Sendo Amaro o protótipo de homem pela sua liderança, controle familiar, acima de tudo, é um homem desenvolvedor de ações rústicas com o seu trabalho braçal. Vemos na citação:

> Aí o mestre José Amaro levantou a voz. Nesta casa mando eu. Quem bate sola o dia inteiro, quem está amarelo de cheirar sola, de amansar couro cru? Falo o que quero, seu Laurentino. Isto aqui não é casa de Vitorino Papa-Rabo. Isto é casa de homem. As mulheres foram se levantando da mesa. E o mestre saiu da sala. (Rego, 2021, p 16).

Assim, um homem de personalidade forte, o mestre Zé, correspondente ao contexto de masculinidade, que se insere e carrega em seu próprio nome o teor de insensibilidade como sua mais alarmante característica. Visto isso, outro quesito estereotipado da exposição do ser homem, como resultado de um símbolo de inspiração, o José Amaro enfrenta condições de comparações e a admiração pela figura de caráter exemplar: o seu pai. Do mesmo modo, geralmente, é fortalecida a admiração por imagens de "verdadeiros homens" em uma linha de sucessão de homens para homens, como se observa em: "Vim para aqui com meu pai que chegou corrido de Goiana. […] Era mestre de verdade. Só queria que o senhor visse como

aquele homem trabalhava na sola. Uma peça dele foi dada pelo barão de Goiana ao imperador" (Rego, 2021, p. 16).

O mestre José Amaro, nas seguintes descrições propostas pelo narrador, é alicerçado por algumas frustrações: sem perspectiva de vida; desânimo agravado pela rotina monótona; e na incapacidade ter um homem como filho, como a seguir presenciamos na citação:

> O mestre não encontrava apoio para fugir da preocupação. Entrou outra vez para o quarto, e não tinha paz, não estava seguro de nada. As ameaças do coronel, a raiva a Floripes, tudo se diluíra com aquele pavor que lhe enchia o coração. Tinha medo e não sabia de que era. Ela fazia correr menino na estrada. Era o lobisomem do povo, um filho do diabo, encantando-se nas moitas escuras, Nunca um pensamento lhe doera tanto. (Rego, 2021, p.163-164).

Com base na citação anterior, os termos que demonstram as frustrações são: "não encontrava apoio", "preocupação" e "não tinha paz", fortificando essa desilusão de vida na frase: "não estava seguro de nada". Este rol de negatividade nos apresenta uma personagem fracassada. Ainda com apoio da fala de José Amaro, no primeiro capítulo da obra, acompanhamos o desânimo de trabalhar em seu ofício: "Um tangerino passou por aqui e me encomendou esta sela e uns arreios. Estou perdendo o gosto pelo ofício. Já se foi o tempo em que dava gosto trabalhar numa sela. Hoje estão comprando tudo feito" (Rego, 2021, p. 13-14). Nesta menção, há uma problemática em curso, pois seu único meio de sobrevivência financeira está em escassez, ou seja, seu sustento e valorização estão minguando.

Do mesmo modo, o cenário nordestino é assinalado pela supervalorização da figura do homem, as mulheres são secundarizadas e constituídas como um objeto de posse. Em consonância com esse pensamento, a depreciação do mestre Zé Amaro para com as mulheres ao seu redor, ou seja, mulher e filha, é recorrente no seu modo de falar e o seu sucesso estaria relacionado à geração de um filho homem.

> E o mestre, de cabeça baixa, ficara no ofício. Ouvia o gemer da filha. Batia com mais força na sola. [...]A filha continuava chorando como se fosse uma menina[...]Bem que podia ter sido um filho, um rapaz como aquele Alípio, que fosse homem macho, de sangue quente, de força no braço. Um filho do mestre José Amaro que não lhe desse o desgosto daquela filha. (Rego, 2021, p. 19).

A fim de sintetizar a figura de José Amaro, enxergamos este como uma reprodução fiel do homem sertanejo. É importante salientar que, essa elaboração, por mais que seja estereotipada, é claramente envolvida em peculiaridades de vivência, história, construção social, isto é, por meio das referências textuais, o mestre Zé Amaro é um homem tradicionalmente sertanejo.

2.2.2 O Capitão Vitorino: o guerreiro

Na terceira parte de *Fogo Morto* (1942), "O capitão Vitorino", conhecemos as perspectivas, em sua maioria externas, de quem é o personagem Vitorino. Assim sendo, a narrativa se concentra na construção de Vitorino na visão dos outros personagens, pois suas ações caracterizam seu ser refletido pelas relações sociais. Vitorino Carneiro da Cunha é absolutamente a personificação da coragem, resistência e justiça, logo, faz jus ao retrato vivido dos homens da realidade nordestina, a bravura.

O Capitão Vitorino é observado na narrativa como um homem justiceiro, comprometido diretamente com a política local, uma forma adequada de mudar a realidade dos moradores marginalizados da região. Ademais, virtudes admiráveis para um embate forte com as mentiras, corrupção e descaso dos políticos com os pobres de Pilar, sua sede de direitos para os indefesos é característica aplaudida, uma vez que, ele é homem prestativo e recorre à impulsividade desmedida para auxiliar a todos. Vejamos: "[…] Vitorino é homem de bom coração mas vive uma vida que dói na gente. Não tem jeito, não! É aquilo mesmo, quer chova quer faça sol. — Seu Vitorino é assim mesmo, comadre Adriana. Mas tem um coração que é um torrão de açúcar." (Rego, 2021, p. 51). Haja vista, o caráter de humanidade de Vitorino visa ajudar os necessitados e lhe torna um homem brutal, em algumas circunstâncias, divido ao se importar com os relatos de injustiça. Assim sendo, facilmente ele absorve para si a tarefa de resolver os conflitos existentes.

> O mestre José Amaro olhou espantado para a vestimenta esquisita. […] Lourenço, o meu primo desembargador, me disse: "Olhe, Vitorino, você para ir a barra do tribunal do júri precisa desse fraque." E me deu este. É roupa feita do Mascarenhas, de Recife. Botei o bicho. […] Raul passou-me a navalha na cabeça. Me disseram que era moda no Recife para advogado. Quando cheguei no Itambé o júri já tinha acabado. O doutor Eduardo ficou muito triste, mas me deu duas causas para defender no Pilar. […] Querendo os meus serviços é só mandar me chamar." (Rego, 2021, p. 144-145).

Devido ao anterior, a discussão sobre as condutas de Vitorino, inclusive, inaugura uma distinção da personalidade dele em oposição ao mestre José Amaro. Em uma reflexão narrada dos lamentos de dona sinhá, mulher de Amaro, por sua vez, é dito: "Às vezes tinha até inveja de sua comadre, Adriana, fazendo tudo, dando ordens pela sua cabeça. Apesar de tudo, o compadre Vitorino era humano. Zeca não tinha coração […] (Rego, 2021, p. 64).

Com aludido na citação, a humanidade de Vitorino determina uma nova perspectiva de construção de masculinidade, pois em um há humanidade, no outro, há um instinto animalesco. Zé Amaro é um indivíduo apontado, em muitos trechos, como um animal. Isso posto, temos uma contraposição entre humanidade (Vitorino) e a perspectiva animalesca agregada a Zé Amaro. Assim, temos uma dicotomia na construção do personagem sertanejo, um misto de humanidade e ações impulsionadas por instinto.

O percurso de resistência desenhado pelo Capitão Vitorino é um enfoque significativo para absorvermos a essência de *homência* do personagem. Entretanto, a sua resistência está relacionada à ocorridos negativos ante os moradores do Pilar. Sabendo que o movimento de se opor às *coisas como são* apresenta tanto um significado de fortaleza quanto de coragem, em alguns momentos, Vitorino age de modo estúpido, pois sua impulsividade traz consigo traços de criancice. Vejamos um evento:

> O mestre José Amaro ouvia o compadre sem uma palavra. Parou de trabalhar. Aquele velho era como se fosse uma criança grande, um menino levado dos diabos. No fundo, naquele instante, ele admirava Vitorino. Vitorino dizia tudo o que ele desejava dizer. Tudo que lhe ia na alma sobre os grandes da terra era o que aquele velho desbocado gritava aos quatro ventos, na cara dos poderosos. (Rego, 2021, p. 72).

A coragem do Capitão Vitorino é uma característica mencionada inúmeras vezes e sinônimo de admiração. Suas falas confrontam, inclusive, os representantes da lei na região (soldados, tenente, sargento), até os insultos em acabar com o cangaço de Antônio Silvino, porém sua falta de filtro ultrapassava os limites fazendo-o um ser tolerável. Desse modo, seus discursos de justiça não passam de atitudes distantes da realidade. Isso faz com que a sociedade o tenha como um louco e destinem ao personagem o apelido de *Papa-rabo*. Vitorino deixa de

ser herói e se torna uma figura ensandecida. Observemos o comportamento do filho envergonhado com o comportamento do pai.

> Luís fugia do pai. […] Luís sofrera muito com a vida do pai. Não era para menos. Um pai com um apelido, um pai mangado, servindo de graça para todo o mundo. Podre do Vitorino! Ela às vezes perdia a paciência, era bruta para o marido. O mestre José Amaro, o seu compadre, lhe dizia: "Comadre Adriana, um homem com o seu marido dá dor de cabeça […] Vitorino levava dias sem aparecer, sem dar notícias, correndo o mundo, dando desgosto. (Rego, 2021, p. 55-56).

Por meio da masculinidade de Vitorino, podemos enxergar um paradoxo entre a valentia e a vulnerabilidade. Em virtude de suas atitudes não calculadas, ele se coloca em conflitos que excedem o limite de tolerância. Assim sendo, durante a narrativa, seus atos inconsequentes fazem com que o mesmo seja visto com um velho vulnerável. A vista disso, seu único filho, Luís, larga aquela vida (do interior) para entrar na marinha. Luís se torna uma espécie de salvação para Adriana (sua mãe), precisamente um possível vingador das mazelas sofridas pelo pai: "Se Luís estivesse ali, o pai não sofreria uma desfeita daquela. Desejou que o filho aparecesse no Pilar, fardado, forte, e fechasse a rua como um furacão. Desejou que ele vingasse o sangue de Vitorino, do pai ofendido, batido como um cachorro". (Rego, 2021, p. 61).

Após essa apresentação, visamos compreender as características de masculinidade do Capitão Vitorino e os seus aspectos comportamentais. Outro fator destacável é a expressão "Papa-Rabo", apelido vinculado ao Capitão visando diminuí-lo. Em suma, sobre o Capitão Vitorino, podemos perceber mais uma masculinidade alicerçada em seu espaço de vivência, envolvido em conflitos, exclusivamente, conflitos de violência física. Nestes embates, a coragem, resistência, seu intuito incansável de trabalhar voltado para a justiça do povo e o sonho de melhorias sobrepujavam a dor.

2.2.3 Lula de Holanda: o decadente

Intitulada de "O engenho de seu Lula", a segunda parte de *Fogo Morto* (1942) tem como foco central a manifestação da *homência* que rompe com o estereótipo de masculinidade flagrante na constituição do sertanejo. Desse modo, postergamos a apresentação do personagem Lula de Holanda, pois a essência da masculinidade do coronel em questão é construída a partir de outro paradigma sociocultural e isso motiva nossa investigação. Neste sentido, o debate sobre as condições sociais do coronel Lula; a origem familiar; adaptação do litoral para o sertão; o comportamento do personagem; as responsabilidades de um senhor de engenho; e, principalmente a intelectualidade do coronel, apresenta uma disparidade referente ao cenário em que se encontra os outros personagens apresentados anteriormente. Vejamos com o coronel é apresentado:

> Foi quando apareceu, em visita ao Capitão, um rapaz de Pernambuco, filho de Antonio Chacon, das bandas de Palmares. Era o parente Luís César de Holanda Chacon. O pai morrera nas lutas de 1948. Contava-se muito da coragem de Antônio Chacon, cercado nas matas do Jacuípe […] batendo-se com uma força do governo até morrer. Deixara a mulher com um filho de pouca idade. O menino era este que o Capitão Tomás hospedava, como a um parente que muito amasse. Sempre ouvia falar do velho Chacon como um homem de bem, corajoso […] O seco capitão Tomás quando pronunciava este nome molhava os olhos de lágrimas. Agora Viera para visitá-lo o filho único de Antônio Chacon […] Era um rapaz cerimonioso, de boa aparência, trato fino. Chamou-o logo de Lula, e quis que fosse tratado em sua casa como um filho. D. Amélia engraçou-se do primo. Agora o piano tinha mais sentimentos, as varsovianas

> soluçavam, os dedos da moça eram mais leves. O primo calado, no sofá, escutava a artista que caprichava nas valsas. (Rego, 2021, p. 184).

Assim, o surgimento de Luís César, seu *Lula*, como apelidado pelo Capitão Tomás, no romance, propicia circunstâncias de esperança e sucesso para o casamento da filha do capitão, Amélia. Personagem feminina essa que, assim como pai, se encanta pelo jovem parente, ou seja, 'engraçou-se do primo', e 'o piano tinha mais sentimento'. Neste sentido, os homens avistados nas redondezas para um possível casamento com o principal tesouro do Capitão Tomás, a filha, são classificados como indignos. No trecho a seguir, Tomás está magoado, pois não consegue apontar um marido para a moça:

> Amélia voltava do colégio, moça como não havia na várzea, cheia de prendas, dona de muito saber. Mas foram se os anos, e o Capitão Tomás tinha uma mágoa. Por que não se casara a sua filha mais velha? O que faltava para encontrar o marido na altura de seus merecimentos? Não era feia, tudo teria para ser uma esposa completa. E os anos iam e a filha do capitão não se casava. Quando a ouvia no piano, media as coisas com tristeza. Então naquela Ribeira não aparecia um homem que fosse digno de sua filha? (Rego, 2021, p. 182).

Os questionamentos explicitados pela inquietação do pai de Amélia, nos possibilita refletir que o problema em não casar a filha não é, claramente, a falta de rapazes, idade da moça; todavia, é sobre o preconceito de classe do próprio Capitão com os homens da redondeza. A senhorita Amélia é elevada social e financeiramente em comparação aos demais: "não havia na várzea" um sujeito a sua altura. Outro quesito que eleva a personagem é o seu grau de instrução. Por consequente, os homens que ali se dispõem não são dignos no sentido financeiro e intelectual, assim, não estão à "altura de seus merecimentos" e "não aparecia um homem que fosse digno".

Seguindo tal lógica, a visita de Luís César, Lula, a casa de Tomás autopromove o rapaz ao posto de pretendente adequado de um consórcio com Amélia, considerando a herança familiar de Lula de Holanda, melhor dizendo, a posição comportamental de Lula: "cerimonioso", "boa aparência", "fino", estes são os adjetivos distintos, que comungam com as pretensões de Tomás. Lembramos ainda que Lula é introduzido como filho de um grande homem, Antônio Chacon, este é valorizado por ser corajoso, forte, que entrega a vida pelos que defende e "morrera nas lutas de 1948". Diante do exposto, as condições sociais e financeiras do jovem Lula e a origem familiar lhe titula homem de excelência para juntar os Chacon aos Cabral de Melo.

A hospedagem cerimoniosa do Capitão Cabral – inicialmente, por respeito ao primo Antonio Chacon, posteriormente, pelo viés do interesse matrimonial entre Lula e Amélia – não surtiu o efeito pretendido pelo Coronel Cabral de Melo, pois Lula retoma à capital, Recife, e desestimula a família de Amélia. Vejamos: "E se foi sem falar em casamento. A casa-grande do Santa Fé emudeceu outra vez" (Rego, 2021, p. 185). Posteriormente, vem a esperada notícia que daria o título de coronel e proprietário do "engenho Santa Fé" a Lula. O narrador assevera: "No outro dia o moleque que fora ao Pilar lhe trouxera uma carta do Recife. Pensou logo que fosse notícia ruim da filha. Era uma carta do primo Lula pedindo-lhe a mão de Amélia em casamento". (Rego, 2021, 189).

Na sequência, mediante ao que esclarecemos sobre as condições sociais de Lula e sua origem familiar, traçamos alguns paralelos sobre a construção comportamental e humanística de Lula de Holanda. Adiante, temos a mudança no estilo de vida da "capital de Pernambuco" para o "interior da Paraíba", Pilar. Tal perspectiva esboça um retrocesso significativo na intenção dos jovens nordestinos. Haja vista que, com a decisão do Capitão Tomás não permitir a ida da com o marido, para Recife, Lula será obrigado a ir ao interior da Paraíba, um trajeto

incomum, tendo em vista que Luís Chacon faz o caminho inverso dos rapazes do sertão — sai do Recife, centro da cultural no Nordeste, e vai para o interior. Nesse momento, devido à fineza no trato e outras especificidades, podemos conjecturar outro tipo de masculinidade do homem sertanejo, pois o jovem Lula corresponde ao papel de "coronel" e se dá postura de sucessor e proprietário do grande engenho açucareiro. Sobre o seu comportamento, temos as seguintes informações:

> A princípio o capitão estranhou o jeito caladão do primo. Ficava o rapaz naquela rede do alpendre horas inteiras, lendo os jornais velhos, virando folhas de livros. Não era capaz de pegar um cavalo e sair de campo afora para ver um partido. Em todo o caso tomou por acanhamento. […] O velho, porém, quis pôr o genro à vontade, e um dia falou-lhe. Dava-lhe o partido de cima para que tomasse conta. Ele ali seria como filho, teria toda a força de mando. O rapaz ouviu calado as palavras do capitão e deu para sair pela manhã para olhar os serviços. Os negros se espantavam com aquele senhor de olhar abstrato, vestido como gente da cidade, sempre de gravata, olhando para as coisas como uma visita. O capitão não se satisfazia com a orientação do genro. Negro precisava de senhor de olhos abertos, de mãos duras. O genro pareceu-lhe uma leseira. (Rego, 2021, p. 190-191).

Em face do exposto, percebemos a resistência de Lula em se enquadrar à postura padrão dos senhores da região. Por exemplo, por parte dos escravizados, Lula está "vestido como gente da cidade", "sempre de gravata", ou seja, o susto dessas eras por notar os costumes de Lula completamente incomuns, visto que, os hábitos da capital estavam impregnados naquele homem que agora se encontrava de permanência no sertão. Além do que, ele dedicava horas do dia para ler, assim, a visão a respeito dessas atitudes eram desperdícios de tempo, sendo que ele deveria administrar as terras, "pegar um cavalo e sair de campo afora". Ademais, sua completa falta de pertencimento referente ao contexto local é evidente quando existe um distanciamento, e também um desinteresse por parte Lula, por meio do olhar denominado de "abstrato", contraponto para "olhos abertos" que simboliza concentração – que não é característica de Lula.

Ainda nesse mesmo pensamento, sua presença não se tem por inteira, não é doada ao trabalho que exigiria seu empenho, ele é esquivo, instável uma "visita". Seu prazer está nas leituras, com os livros, portanto, o preconceito é a porta principal para observarmos como é visto o personagem Lula de Holanda de maneira externa, ademais, a marginalização pela intelectualidade planta o preconceito. Dessa forma, a intelectualidade o distingue dos outros homens já apresentados aqui – José Amaro e Vitorino.

Ao explicarmos a natureza e a personalidade de Lula de Holanda, se fez necessário desmistificar a homogeneidade que perpassa o comportamento do homem sertanejo nordestino. Seu Lula não se comporta como um coronel, assim, ao tomar posse da administração do "engenho Santa Fé", após a morte do Capitão Tomás de Melo, observamos o declínio, a decadência e o fracasso do engenho. Mário de Andrade tece um comentário sobre este instante da narrativa:

> Com efeito, Lins do Rego, retomando o "ciclo da cana-de-açúcar", nos descreve, nos dá mesmo um exemplo singularmente provante, duma sociedade que, boa ou má, estava perfeitamente assentada e sedimentada no seu jeito de ser, em sua "cultura". De forma que os indivíduos condicionados e movimentados por ela, por mais que a desgraça os maltrate, são estranhamente sem drama nenhum. E mesmo quando pessoalmente irrealizados como o imponente Lula de Holanda (mais outro fracassado que repete com maior silêncio mas menor presença o Carlos do "ciclo da cana-de açúcar"), mesmo quando pessoalmente irrealizados, não têm problemas e lutas de realização do ser. (Andrade, 2021, p. 374).

As responsabilidades de um senhor de engenho que deveriam ser assumidas por Lula de Holanda é desenhada pela impotência e repugnância de sua parte em assumir o controle do negócio. Em comparação a isso, podemos observar alguns momentos em que é possível constatar a inoperância do novo coronel e por meio de vários pontos de vista. Primeiramente, observemos a fala de Zé Amaro criticando as diferenças de comando entre Capitão Tomás e Lula: "Aí está em que dá o luxo dele. Está aí o engenho num atraso danado. O major Tomás, o que deixou está aí no mesmo pé". (Rego, 2021, p. 43) e "Este Santa Fé do velho Capitão Tomás vai de mal a pior." (Rego, 2021, p. 57).

De forma semelhante, outra passagem, ao visitar a fazenda de Seu Lula, Zé Amaro para "[…] junto ao paredão do engenho, e repara nos estragos que a chuva fizera nos tijolos descobertos. Pareciam feridas vermelhas. O bueiro baixo, e a boca da fornalha escancarada, um barco sujo". (Rego, 2021, p. 46). Todos esses signos apontam para uma decadência que corrói as estruturas do engenho e não há nenhuma iniciativa por parte de Lula na intenção de reverter tal situação, ao contrário, a inoperância de Lula enseja drasticamente a ruína do engenho.

Diante do exposto, com base na configuração comportamental desses três personagens, observamos um fator crucial na composição de Lula de Holanda em relação aos outros homens, visto que, tanto José Amaro e o Capitão Vitorino são inclusos na perspectiva do trabalho prático, manual. Sobre Lula de Holanda, não há registro de trabalho braçal em sua práxis, pois suas habilidades são voltadas à intelectualidade. Consequentemente, os trabalhos que versam sobre a intelectualidade, no contexto em que Lula de Holanda está inserido, são definidos como inútil, desnecessário, não funcional.

3 O HOMEM NORDESTINO E A NATUREZA DO DISCURSO

3.1 Estudos de gênero: a masculinidade

Ao discutir o conceito de masculinidade, o pesquisador deve ter em mente que se trata de um assunto novo e denso. Assim, Benno Keijzer (2003, p. 137) explica que: "os estudos em torno das masculinidades são um campo muito recente dentro dos estudos de gênero. Embora os homens sempre tenham estado presentes em grande parte da literatura feminista como membros do patriarcado […]"[2]. Temos um breve entendimento sobre a composição da figura masculina e a sua correlação ao patriarcado.

Da mesma forma, Benno de Keijzer, em um estudo de 2003, explica que a construção da figura masculina não é inalterável, e sim instável e multifacetada. Logo, a fomentação da masculinidade está correlacionada à cultura, o espaço e a ação do sujeito em relação aos seus pares. Consequentemente, isso nos faz refletir sobre as variações do "ser homem" e compreendemos que, a masculinidade é uma performance social e correlacionada aos estímulos culturais de uma dada região.

Portanto, é interessante pensar que dentre as alternâncias das características do "ser homem", o estereótipo mais difundido está vinculada às características de uma masculinidade patriarcal, viril, violenta, observada na região nordeste do Brasil, pois "o Nordeste brasileiro é conhecido pela forte presença do modelo patriarcal e também pelo machismo." (Fernandes; Albuquerque, 2019, p. 559).

Outrossim, inferimos que a construção da masculinidade sertaneja está, geralmente, atrelada ao conjunto de ações que alavancam a figura do homem, por exemplo: a força e a virilidade, quesitos exigidos, que constroem o protótipo da *homência*. Nesse ambiente, a figura do feminino está condicionada à fragilidade e dependência, logo, refletimos que as características referidas ao homem serão a ocupação do papel de fortaleza (potência e vigor), autonomia, coragem e resistência. Considerando que o campo da masculinidade é objeto de investigações recentes, Benno Keijzer (2003), em uma discussão sobre gênero, classifica a América Latina como um local de dominação da figura masculina, ou seja, o homem símbolo do patriarcalismo.

> No caso do México e da América Latina, considero que existe um modelo hegemônico de masculinidade visto como um esquema culturalmente construído, onde o homem se apresenta como essencialmente dominante, e servindo para discriminar e subordinar mulheres e outros homens que não se adaptam a esse modelo. (Keijzer, 2003, p. 138, tradução nossa).[3]

O autor destaca uma especificidade da construção do homem latino americano: "essencialmente dominante, e servindo para discriminar e subordinar mulheres e outros homens que não se adaptam a esse modelo". Por esse paradigma, temos o generalizar de um padrão de homem e contestamos essa unicidade comportamental, pois acreditamos que o homem é fruto de uma construção sociocultural. Mediante essa constatação, relacionamos o nosso pensamento ao desdobramento crítico de Keijzer, pois o autor lança luzes sobre o conceito de masculinidade,

---

[2] Tradução nossa, no original: "Los estudios en tomo a las masculinidades son un campo muy reciente dentro de los estudios de género. Si bien el hombre siempre ha estado presente en gran parte de la bibliografía feminista en calidad de miembro del patriarcado, [...]".

[3] No original: Para el caso de México y América Latina considero que existe un modelo hegemónico de masculinidad visto como un esquema culturalmente construido, en donde se presenta al varón como esencialmente dominante y que sirve para discriminar y subordinar a la mujer y a otros hombres que no se adaptan a este modelo.

no singular e propõe a seguinte terminologia: “masculinidades”. Vejamos o seu posicionamento crítico:

> Consideramos que é importante falar de masculinidades no plural, ou seja, falar de masculinidades (de Keijzer, 1998a) e dar conta dessas diversidades a partir de aspectos como nacionalidade, classe, idade, migração, etnia, orientação sexual, etc. (Figueroa, 1998). Assim, cada homem se encontra inserido em um continuum onde compartilha em graus distintos o comum e o diverso com outros homens.[4] (apud Keijzer, 2003, p. 138 tradução nossa).

Após este intróito, retornamos ao romance *Fogo Morto*, precisamente à classe social dos homens da narrativa, com o propósito de analisarmos as masculinidades de Zé Amaro, Capitão Vitorino e Lula de Holanda. Desde já, devemos observar a gênese e os estímulos socioculturais que perpassam a construção de cada personagem.

Primeiramente, José Amaro é um celeiro enfrentando a diminuição drástica de seus afazeres, isto implica no declínio financeiro do personagem. Além disso, Amaro está prestes a ser despejado de sua casa, localizada nas terras do Capitão Tomás. O Capitão Vitorino é um andarilho, aspirante a defender os pobres e oprimidos, símbolo de resistência, porém, interpretamos sua vulnerabilidade financeira por meio de uma égua sofrida, signo de pobreza. Em contraposição, o coronel Lula de Holanda, natural de Pernambuco, desfila em seu cabriolé, nas estradas de Pilar. Homem intelectual, vaidoso, vive em um casarão com um belo piano. Essas descrições nos permitem refletir que, sem sombra de dúvidas, as vivências de Amaro e Vitorino são circundadas de sofrimentos e vulnerabilidade social constantes; as expectativas de vida desses homens são diminutas, pois não desfrutam do essencial. Logo, seus comportamentos refletem dureza, ignorância, entre outras características que constroem suas respectivas personalidades, ou seja, as suas masculinidades. Por outro lado, a intelectualidade de Lula de Holanda, o gosto pela arte e a leitura são elementos que prefiguram outra vertente de masculinidade, diferente daquilo observado em Pilar.

Após essa discussão sobre o conceito de masculinidades, vejamos como Euclides da Cunha (2014) e Durval Muniz (1999) exploram a constituição do sertanejo e nordestino em seus estudos.

3.2 O sertanejo pelas lentes de Euclides da Cunha

Na obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, publicada 1902, observamos um debate jornalístico, não fictício, sobre a constituição física e comportamental do sertanejo, pois Euclides da Cunha havia sido designado para a cobertura da Guerra de Canudos. O jornalista, em sua viagem ao local da guerra, faz alguns comentários geográficos, históricos, antropológicos e sociológicos sobre o sertão nordestino, precisamente o trecho baiano.

Desse modo, inúmeros diálogos são propiciados por meio da leitura de *Os Sertões* (1902), visto que, durante a descrição de Euclides da Cunha, temos um relato explicativo sobre três elementos que prefiguram a guerra de Canudos: a terra, o homem e a luta. Por meio dessa tríade, nos debruçamos sobre o homem (nordestino). O capítulo denominado *O Homem*, na segunda parte da obra, expõe as nuances das vivências, aspectos culturais e etimológicos dos

[4] No original: Consideramos que es importante hablar de la masculinidad en plural, es decir, hablar de masculinidades (de Keijzer, 1998a) y dar cuenta de estas diversidades a partir de aspectos como la nacionalidad, la clase, la edad, la migración, la etnia, la orientación sexual, etc. (Figueroa, 1998). Así, cada hombre se encuentra enclavado en un continuum donde comparte en grados distintos lo común y lo diverso con otros hombres.

homens sertanejos e, por fim, resume essa comunidade como símbolo de resistência e bravura. Vejamos uma das descrições do jornalista.

> Intentamos esboçar, palidamente embora, ante o olhar de futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub- -raças sertanejas do Brasil. E fazemo-lo porque a sua instabilidade de complexos de fatores múltiplos e diversamente combinados, aliada às vicissitudes históricas e deplorável situação mental em que jazem, as tornam talvez efêmeras, destinadas a próximo desaparecimento ante as exigências crescentes da civilização e a concorrência material intensiva das correntes migratórias que começam a invadir profundamente a nossa terra. (Cunha, 2014, p. 03).

Ao lermos essa citação, a questão de maior destaque é vinculada ao termo "sub-raças sertanejas", ou seja, Euclides da Cunha atribui uma visão sociológica quando designa uma variante de grupos localizados no sertão acompanhado por suas peculiaridades. Baseado nisso, "às vicissitudes históricas e a deplorável situação mental" é justificada de maneira nítida, pois o sujeito está relacionado ao declínio psicológico pela decorrência do meio. Ligado a isto, o comportamento do homem é visto desta maneira, porque o meio os conduz, os modela em um ambiente permeado pela seca, pobreza e a marginalização.

Além disso, a complexidade dos sertanejos está relacionada aos fatores sociais, econômicos e históricos, assim tornando os homens do sertão alvos de mudanças constantes para uma heterogeneidade, porquanto, a instabilidade impacta na identidade dos sertanejos. No entanto, *Os Sertões* (1902), é um relato em que temos uma apresentação do homem sertanejo.

> O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. […] Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude. Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combalida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias. (Cunha, 2014, p. 115).

Ao descrever o sertanejo multifacetado, Euclides da Cunha (2014) descreve alguns adjetivos e comparações com os indivíduos litorâneos, para exemplificar a construção do homem sertanejo. Seguindo a citação, temos: "antes de tudo um forte", uma ideia que transpassa a figura física quanto abrange sua resistência psicológica perante as adversidades da vida. Todavia, apesar de não ser um físico atlético ideal: "plástica impecável'" e sem 'estrutura corretíssima', isso não desmerece sua forçar externa tanto quanto interna, além disso, se destaca em comparação com os raquíticos do litoral, que, por sua vez, transmite o oposto: a vida urbana é delineada pelo estado de fraqueza emocional e física - 'mestiços neurastênicos'.

Na continuação temos as palavras "desgracioso", "desengonçado", "torto", caminha "sem firmeza", "sem aprumo", "desarticulados", de postura "abatida" e "humildade

deprimente", todas essas características remetendo-nos ao sujeito sertanejo com um teor de vulnerabilidade. Entretanto, estes atributos são sanados instantaneamente quando posto à prova, devido à *homência*.

Nesse sentido, essa aparência de vencido é enganosa quando expostos a desafios, pois "o homem transfigura-se". A partir de uma demanda, o sertanejo mobiliza uma surpreendente capacidade de sobrepujar as adversidades da vida. A sobrevivência atribulada do sertão encerra um renascimento com maior vigor, potência mediada pelo clima de vigilância e coragem, "olhar desassombrado e forte", "ombros possantes", "aspecto dominador de um titã", e, por fim, "força e agilidade extraordinárias".

Pelo olhar de Euclides da Cunha, entendemos o aspecto da força e resiliência dos sertanejos, assim como a sua rusticidade. Há uma comparação entre o sertanejo e o homem do litoral, este é designado como desprovido de força e bravura. Este entendimento é destacável em nossa análise, pois temos dois personagens que se assemelham aos sertanejos e outro que se assemelha ao homem do litoral.

A bravura do sertanejo se confunde com a brutalidade e violência. Desse modo, se faz necessário um entendimento sobre a perpetuação do sertanejo violento pela ótica da literatura de cordel.

3.3 Literatura de cordel ao homem sertanejo

Iniciemos esta discussão com base em Muniz (1999):

> O nordestino é um tipo regional que surge historicamente apenas no começo deste século. Da elaboração desta figura regional participam vários discursos, entre eles o da literatura de cordel. Este texto analisa como aparece o nordestino neste discurso. O que chama a atenção é o fato de que o nordestino é pensado apenas como uma figura masculina e à masculinidade está associada necessariamente a violência. Analisando cordéis de diferentes momentos históricos o texto acompanha a construção do nordestino como uma figura viril, valente e violenta. Pode-se detectar neste discurso a violência que permeia as relações de gênero nesta região. (Muniz, 1999, p. 173).

Com base em Muniz (1999), podemos observar uma proposta de constituição da figura do nordestino por meio da literatura de cordel, assim como é nítido o protagonismo da truculência, virilidade e violência associada à figura do nordestino. Melhor dizendo, essa imagem masculina nordestina é construção recente, vista principalmente na literatura de cordel, pois essa visão de homem, em específico, começa a ganhar foco pela característica da *homência*, sendo lembrado na atualidade como uma figura violenta.

Como visto, o poder da literatura de cordel reforça a relação homem nordestino-violência, por mais que haja os novos cenários de interação social no sertão hodierno, os resquícios dessa construção pretérita permanecem em voga: Durval Muniz (1999) assevera sobre essa temática da seguinte forma:

> […] quase sempre remetem suas histórias há um tempo no qual "reinavam os coronéis e os cangaceiros" no Nordeste. É com uma certa ponta de nostalgia que esses folhetos constroem esse Nordeste onde a violência andava solta, onde os homens adquiriam status por seu destemor e não por seu dinheiro. Nordeste onde ser valente poderia significar uma via de ascensão social. Nordeste onde a covardia era o maior defeito e a valentia a maior virtude, onde a macheza era testada todos os dias. (Muniz, 1999, p. 177).

Desta forma, buscamos com essa referência apontar os aspectos principais da construção da natureza do homem nordestino e sua masculinidade. Em nossa pesquisa, podemos assinalar que Zé Amaro e Vitorino estão centrados nessa perspectiva, apontada por Muniz, e relacionados à descrição proposta por Euclides da Cunha. Contudo, o coronel Lula de Holanda difere drasticamente dessas perspectivas de *homem nordestino* elaboradas por Muniz e Euclides da Cunha.

Ao observarmos essa distinção comportamental entre os três homens da obra em análise, entendemos não haver uma construção "una" de masculinidade, mas podemos conjecturar o termo "masculinidades". Vejamos o pensamento de Fernandes e Albuquerque (2019) sobre essa temática:

> O Nordeste brasileiro é conhecido pela forte presença do modelo patriarcal e também pelo machismo. Em algumas localidades, a violência contra a mulher é significativa em função desses fenômenos. Nesse sentido, objetivou se compreender as masculinidades sob a perspectiva do homem acerca de temas como machismo, igualdade entre os gêneros, e o ser homem (Fernandes; Albuquerque, 2019, p. 559).

De imediato, concordamos com que ainda se vincula a figura do homem nordestino às práticas de violência, patriarcado e machismo como composição da masculinidade. Entretanto, destacamos que este modelo propagado de masculinidade "una" é verdadeiro na cultura nordestina visto na obra em análise, por haver uma série de construções de masculinidades que não estão correlacionadas à brutalidade, virilidade e violência. Seu Lula de Holanda é uma espécie de contraponto ao padrão de *homência* observado na cultura nordestina. Desse modo, conjecturamos que, esse pensamento de unilateralidade masculina, defendida pela literatura de cordel, é falho, pois "essa literatura deixa muitas vezes entrever a importância que a violência tem para a mudança nas relações de poder e como a liberdade é uma conquista cotidiana através do enfrentamento das forças que representam a dominação e a submissão" (Muniz, 1999, p. 180).

Desta forma, considerando os episódios mencionados, podemos problematizar os quesitos força e virilidade como exigências constitutivas da masculinidade nordestina, como também questionar se a masculinidade dos homens, na região em questão, é uma e somente correlacionada à violência. O texto literário é um vetor de reflexão e permite ao analista e a sociedade observar discrepâncias em relação à construção cultural de uma identidade, em nosso caso, o homem nordestino.

Diante disso, com base na caracterização do sertanejo proposta por Euclides de Cunha (2014), a violência evidenciada no estudo de Muniz (1999) e a questão das masculinidades (Fernandes; Albuquerque, 2019), analisaremos o comportamento desviante de Lula de Holanda em *Fogo Morto*.

4 *FOGO MORTO*: SEM ASCENDER AS *CALDEIAS*

Fogo Morto (1942), como já mencionado ao decorrer deste trabalho, é uma obra ambientada em torno de um engenho em declínio, partindo disso, pretendemos realizar uma reflexão sobre três homens, contudo, nos deteremos na constituição da *homência* de Seu Lula de Holanda. Os três personagens – Zé Amaro, Capitão Vitorino e Lula de Holanda – apresentam visões distintas de mundo e destacamos um duplo declínio: o declínio social e a descaracterização comportamental dos sujeitos.

Segundo Soares (2018), para a questão anterior: no "[…] romance não apenas há somente uma queda do patrimônio dos personagens, mas, sobretudo, deles próprios […] Isso se dá devido o romance está focalizado na figura do homem com toda a sua complexidade" (Soares, et al., 2018, p. 123). Acima disso, toda a narrativa direciona o leitor a conhecer tanto o externo quanto o externo por meio do narrador onisciente, o mesmo aproxima o leitor dos problemas internos desses homens. Nesse recorte, em especial, o coronel Lula de Holanda é um exemplo de exceção em relação ao comportamento do homem nordestino.

Dito isso, a figura masculina do coronel Lula de Holanda é alicerçada em "retrocessos" e quebra de paradigmas, pois, após a morte de seu sogro, ele não assumiu o ofício na posição de senhor administrador, nem de proprietário das terras, sobretudo, nem se assume homem suficiente para suprir as necessidades locais.

4.1 Rusticidade nos hábitos e a ruptura do paradigma

Em primeiro plano, ao estabelecer uma distinção das masculinidades dos homens na trama, temos como exemplo o método trabalhista. Primeiramente, o artesão Zé Amaro. Vejamos:

> Sentado no seu tamborete, o velho José Amaro parou de falar. Ali estavam os seus instrumentos de trabalho. Pegou no pedaço de sola e foi alisando, dobrando-a, com os dedos grossos […] Os olhos do velho, amarelos, como que se enevoaram de lágrima que não chegara a rolar […] Pegou do martelo, e com uma força de raiva malhou a sola molhada. (Rego, 2021, 17-18).

Sobre a constituição física desse personagem e a sua rusticidade, sua aparência está desgastada pela velhice e trabalho pesado. O mestre é descrito com feição pouca convidativa. Devido ao físico desprovido de beleza, há um boato na região referente à figura de Zé Amaro, ou seja, ele é tido como o lobisomem, pois sua aparência e comportamento transmitem o ar animalesco. Observemos a descrição do narrador: "Então, apareceu-lhe a cara enorme de Zeca no corredor, a cara como de um bicho. Largou a *candeia* no chão e correu para fora." (Rego, 2021, p. 131). Em suas aparições, vemos um homem dedicado ao trabalho, geralmente, cortando ou martelando a matéria-prima de fazer sela, o couro, e muito pouco preocupado com sua aparência rústica e atrelada a um ser anormal "[…] corria por toda parte que o mestre José Amaro estava virando lobisomem" (Rego, 2021, p, 41).

Na sequência, enxergamos no Capitão Vitorino sua rusticidade quando seus valores conservadores, impulsividade e síndrome de Dom Quixote afloram na tessitura textual. O Capitão é conduzido pela "sua verdade" e seus princípios. Este personagem é um típico senhor interiorano, uma vez que representa o ativismo pelos direitos dos pobres no contexto rural. Consequentemente, sua rusticidade está simbolicamente ligada às estruturas tradicionais no sertão nordestino. Ao defender Zé Amaro, o leitor observa o seu comportamento:

> O diabo do Lula quis gritar para mim e se arrependeu. Tomei a causa do compadre José Amaro, da propriedade ele não sai assim como o velho quer. Comigo não se brinca. Sou homem da lei, mas se querem na ponta do punhal, é comigo. (Rego, 2021, p. 287).

Desta forma, a rusticidade e vigor de Vitorino concerne à solução de problemas por meio da violência, ou seja, em sua perspectiva a violência é uma maneira de manter a ordem.

Pelos parâmetros assinalados em nossa discussão teórica e, em comparação ao comportamento de Zé Amaro e Vitorino, Lula de Holanda difere drasticamente da configuração do homem sertanejo. Luís César de Holanda Chacon, "Lula de Holanda", é proveniente de Pernambuco, considerado homem fino, digno, estudado. Assim, estes traços de sua composição física e intelectual divergem da rusticidade do interior e enseja uma nova perspectiva de *homência*, haja vista outro aspecto de masculinidade.

Partindo disso, explicitamos seu cuidado extremo em manter uma boa aparência, pois "as negras elogiavam os modos do jovem senhor. Parecia uma estampa de santo, com aquela barba de São Severino dos Ramos, com aqueles modos de fidalgo […]" (Rego, 2021, p. 191). Em outro momento, observamos uma descrição de seu porte físico: "O primo Lula tinha aquela barba negra de estampa, de olhos azuis […]" (Rego, 2021, p. 184). Nesse sentido, há uma preocupação de Seu Lula com os aspectos de beleza, já que sua barba se apresenta alinhada e isso prefigura um desvelo estético.

Outras passagens reafirmam a disparidade de Lula para com o padrão de vestimenta local (do interior), logo, neste aspecto, o coronel se afasta da rusticidade, uma vez que, suas vestes são alinhadas. O narrador aponta: "vestido como gente da cidade, sempre de gravata" (Rego, 2021, p. 191). Em oposição, os homens do mesmo contexto social trajam suas indumentárias tradicionais, desgastadas pelo tempo e sem uma preocupação estética. Lula, por sua vez, assume um caráter de celestialidade, uma pose sobrenatural, de parecer divino.

O rompimento de Lula com os elementos rústicos do ambiente é dado por um transporte que indica sua distinção social: o cabriolé.

> O coronel Lula é homem de opinião. É um homem soberbo. Nunca vi senhor de engenho de tanto luxo. Nunca vi este homem, a pé, correndo os partidos. Veja você o coronel José Paulino. Não sai de cima dum cavalo. E é rico de verdade. O coronel Lula, não. Vive montado naquele cabriolé como um rei. (Rego, 2021, p. 26).

Nesse pensamento, o cabriolé o diferencia no quesito dos meios de transportes tradicionais do Pilar, visto que, é comum os personagens percorrem os caminhos a pé ou a cavalo, pois estes são os meios de deslocamento mais utilizados na região. Porquanto, ao utilizar o cabriolé, seu Lula se eleva em relação aos demais e isso transmite soberba, luxo. Estes traços característicos de Lula prefigura um distanciamento do cenário interiorano, pois ele se porta, aos olhos dos locais, como orgulhoso.

No trecho citado, os locais estabelecem uma comparação entre Lula e o coronel José Paulino, eles descrevem que Zé Paulino anda a cavalo, Lula prefere o estilo mais confrontável de locomoção "montado naquele cabriolé". Outra reflexão possível, o cabriolé exige um condutor, não necessitando do contato direto entre Lula e o veículo. Portanto, a carruagem promove uma ruptura com a rusticidade da redondeza, transformando o coronel Lula, segundo a citação, em um "rei"'.

Lula de Holanda é inclinado a fineza, a sensibilidade, a apreciação pelas condutas culturais eruditas, as práticas de interação que exigem profundidade e subjetiva, inclusive, aqui se faz necessário posicionar o piano, outro símbolo de elegância e posição financeira elevada, como também, instrumento de teor clássico. Vejamos uma menção ao fato: "o primo calado, no sofá, escutava a artista que caprichava nas salsas" (Rego, 2021, p. 184). Em outros instantes, há momentos de entrega de Lula as varsovianas (executadas ao piano), isso demonstra sua

sensibilidade à obra de arte. Este fato é um elemento distintivo em relação aos populares de Pilar, ou seja, pessoas desprovidas socialmente dos bens artísticos.

Outro aspecto da composição do personagem que difere do homem interiorano é a intelectualidade, como pontuado no trecho a seguir:

> Os primeiros meses do casal foram como de todos os outros. A princípio o capitão estranhou o jeito caladão do primo. Ficava o rapaz naquela rede do alpendre horas inteiras, lendo jornais velhos, virando folhas de livros. Não era capaz de pegar um cavalo e sair de campo afora para ver um partido. Em todo caso tomou por acanhamento (Rego, 2021, p. 190).

A intelectualidade é, com certeza, o atributo da masculinidade de Lula de Holanda que elabora um novo arranjo na caracterização da *homência*, na obra *Fogo Morto*. Nesse sentido, a intelectualidade promove uma série de críticas implícitas a Lula de Holanda. O personagem "perde" tempo excessivo com leituras e o trabalho braçal é secundarizado. Em relação a Zé Amaro e Vitorino, podemos descrever o grau de discrepância entre os personagens no âmbito da construção intelectual. Desse modo, Lula rompe com as expectativas de seu sogro, o Capitão Tomás, e se apresenta como um homem deslocado referente ao comportamento dos demais.

Com base em nosso entendimento sobre o arranjo do homem sertanejo (Cunha, 2014) e a composição do caráter do homem nordestino (Muniz, 1999), o comportamento de Lula de Holanda difere drasticamente dos pressupostos da *homência* em Pilar. Estes aspectos se devem ao fato de que seu Lula de Holanda tem um cuidado com a sua aparência, o seu descolamento é realizado por meio de um cabriolé e observamos um homem inclinado à leitura e a arte. Estes elementos sinalizam e refletem a construção de uma masculinidade diferente daquela observada é destacada por Cunha (2014), ou seja, o sertanejo como um homem esteticamente desleixado, de composição física irregular e relacionado à bravura. Seu Lula também não é dado ao trabalho e se desapega da violência, conforme se depreende a partir de Muniz (1999), traços presentes na composição de Zé Amaro e Vitorino, em *Fogo Morto*. Logo, temos de estruturar uma masculinidade diferente daquela construção secular referente ao homem nordestino e sua *homência.*

4.2 A bravura dos pais e a inanição dos filhos.

Em *Fogo Morto* (1942), observamos, em vários momentos da narrativa, uma rememoração de fatos referentes aos pais dos seguintes personagens: Zé Amaro e Lula de Holanda. No tempo presente da trama, esses homens de bravura já estão ausentes, contudo, eles são reverenciados pelos seus feitos do passado. Tanto o pai de Zé Amaro quanto o progenitor de seu Lula são personagens que se encaixam na caracterização de virilidade, trabalho, bravura e violência, elementos que constituem a natureza do sertanejo/nordestino. Dessa maneira, o leitor tem acesso aos feitos desses personagens por meio da voz do mestre Zé Amaro e pelos comentários do sogro de Seu Lula de Holanda. A seguir, observemos um comentário tecido pelo mestre Zé Amaro sobre o seu pai:

> Vim para aqui com o meu pai que chegou corrido de Goiana. Coisa de um crime que ele nunca me contou. O velho não contava nada. Foi coisa de morte, esteve no júri. Era mestre de verdade. Só queria que o senhor visse como aquele homem trabalhava na sola. Uma peça dele foi dada pelo barão de Goiana ao imperador. Foi pra trás. Veio cair nesta desgraça. (Rego, 2021, p. 16).

Assim, o pai do mestre Zé Amaro era homem convicto e enaltecido pela sua excelência no trabalho de artesão. Ao compararmos pai e filho, o pai era digno do termo "mestre",

trabalhava tão precisamente que seu trabalho foi dado como presente ao imperador. Logo, José Amaro não se iguala ao pai, pois o pai de Amaro não foi impulsionado para o "sucesso" por meio do trabalho, mas após uma "desgraça". Conjecturamos, por meio do texto, que o pai de Zé Amaro cometeu um assassinato em Goiana. Tal evento pode ser vislumbrado como um "sucesso", uma vez que o pai do artesão carrega os estigmas de coragem, força, masculinidade, bravura, elementos constitutivos da natureza do sertanejo/nordestino. Sobre o assassinato, Zé Amaro afirma: "crime que ele nunca contou", "esteve no júri". Neste trecho, o mestre apresenta um certo orgulho da figura paterna devido aos seus feitos: ser grande artesão e ser bravo. O mestre é um bom artesão, mas observamos uma assimetria entre discurso e ação nesse personagem. O mestre, verbalmente, é um típico homem sertanejo/nordestino, mas não age como tal. Sua bravura está relacionada ao discurso.

No que concerne à ação, o seu padrão de bravura está correlacionado ao cangaceiro Antônio Silvino e a *práxis* violenta. Desse modo, o mestre Zé Amaro não cumpre simetricamente os pré-requisitos referentes à virilidade, violência e bravura, pois todos esses aspectos estão contidos no discurso, mas não na ação do personagem. Sobre a relação pai e filho, na perspectiva de Zé Amaro, Gouveia (2004, p.19) afirma que "ao longo do enredo, um dos maiores problemas enfrentados por José Amaro é a imagem do pai. Ela se torna um referencial ambíguo para ele […]". Essa ambiguidade é proveniente de um sentimento de inadequação em relação à figura do pai, pois Zeca é homem de discurso, sua ação está empregada em Antônio Silvino.

Sobre a inanição de Lula de Holanda, o narrador dá voz ao mestre Zé Amaro e o leitor observa algumas ponderações do artesão sobre o coronel novato. Gouveia (2004) destaca essa especificidade em *Fogo Morto*:

> O narrador, partindo do personagem, prepara um novo campo de comparações, em que o Mestre sente uma radical diferença entre Tomás Cabral e Lula; além disso, há uma necessidade imanente de reconhecer as distâncias entre a concepção que o Mestre faz de um coronel ideal e a inércia de Lula de Holanda. Assim, há um jogo de antinomias entre a sucessão de coronéis, do triunfo ao fracasso. (Gouveia, 2004, p. 19).

Partindo da observação de Gouveia (2004), Lula é o substituto do Capitão Tomás Cabral no engenho Santa Fé. O próprio Tomás Cabral acredita que Lula de Holanda será um grande coronel, pois o pai de Lula foi um homem de muita bravura, temido e que destilava *homência.*

Em contrapartida, Lula é órfão desde jovem e o Capitão considerava o rapaz como seu filho, homem que Tomás não teve. Tomás afirma: "o engenho era pequeno, mas dava para todos. Mariquinha ficara radiante com as vontades do marido. E assim o genro estaria ao lado de todos como filho". (Rego, 2021, p. 190). Lula é tratado como filho e sem demonstrar nenhuma afinidade com o mundo do interior. O Capitão é precipitado em identificar Lula como um futuro coronel. Tomás confiou na força do sangue e esqueceu os aspectos da construção do caráter de Lula de Holanda. O Capitão Cabral foi um exemplo patriarcal, condutor de suas posses, criador de riquezas; por outro lado, temos Lula de Holanda que não tem domínio da propriedade herdada do sogro, permite a deterioração do engenho, é um homem ligado intrinsecamente ao passado, isso se intensifica quando ele recorda constantemente a figura do seu pai, Antônio Chacon: "o primo Lula, quando falava do pai, enchia os olhos claros de lágrimas". (Rego, 2021, p. 195). Ademais, sua inferiorização é duplicada corriqueiramente quando ele não se enxerga tão homem quanto foi seu pai e seu sogro. Portanto, há, como podemos ver, uma supervalorização dos homens que os antecede, do mesmo modo que existe uma grande valorização das índoles masculinas de modo geral.

Neste segmento, observamos que a construção das masculinidades é um fenômeno complexo e independe do local da cultura. O mestre Zé Amaro está em um local hostil, se

reveste de bravura, virilidade e violência, atributos relacionados à *homência*, carrega o estigma de bravura de seu pai, mas a grande substância de sua valentia está contida no discurso. Seu Lula foi imaginado pelo Capitão Cabral como uma figura semelhante a Antônio Chacon, contudo, a construção do caráter de Lula de Holanda difere daquilo almejado por Tomás.

Logo, podemos observar que a masculinidade do sertanejo/nordestino é algo subjetivo, ou seja, temos uma construção cultural una sobre o tema – homem rústico e violento –, mas que, ao observarmos as especificidades de cada personagem, podemos evidenciar que cada figura masculina é uma.

4.3 Lula: Desconstrução da homogeneidade masculina.

O declínio psicológico do coronel Lula vem sendo carregado desde sua juventude, como dito anteriormente, pelas perdas familiares. Aqui, neste subcapítulo, discutiremos algumas questões psíquicas do personagem em desconstrução e, mais adiante, sua decadência moral.

Partimos do episódio relativo à fuga do escravo Domingos: na busca pelo escravizado, um grupo é formado e liderado pelo Capitão Tomás; Lula e alguns outros negros estão no grupo e percorrem estradas e propriedades em busca do fugitivo. Nesse momento, ao se deparar com um senhor arisco, novato na localidade, o Capitão Tomás explica a situação e abruptamente, Lula de Holanda interfere na conversa de forma ríspida, isso escancara sua vulnerabilidade mental. Vejamos o comportamento de Lula: "o capitão falou com cautela, procurando desviar o assunto de briga. Mas o genro entrou na conversa e ele teve medo. O Lula levantou a voz para o sertanejo. O homem enfureceu-se." (Rego, 2021, p. 199).

Como podemos ver na citação anterior, seu Lula é precipitado e hostil, mas, esta ação, instaura o sentimento de medo no personagem. Este fato denota uma insegurança diante outro homem, cena atípica quando vemos conflitos no cenário nordestino. Desse modo, podemos inferir que o personagem é impotência e frágil. O narrador conhece a interioridade dos personagens e descreve os pensamentos de Lula de Holanda após se sentir humilhado:

> Seu Lula parecia humilhado. Não pôde dormir. Dentro da mataria mexiam bichos, gemiam as vozes da noite. Os negros roncavam alto, o capitão enrolado para um canto, e o genro sem poder pregar os olhos. Veio-lhe então a lembrança do pai[...] Então seu Lula, naquele ermo do sertão, por debaixo do umbuzeiro, com os negros e o sogro deitados na mesma terra, viu que não era nada, que força nenhuma tinha para ser com fora o pai, Antônio Chacon. O que ele fora até ali? Nunca que um pensamento assim o perseguisse com aquele, naquele isolamento. Quisera falar com o ladrão e nada fizera. Fora o velho sogro que manobrara a retirada. (Rego, 2021, p. 201).

Seu Lula, conforme a citação, destoa da realidade dos homens sertanejo, pois não havia presenciado uma discussão ríspida – "parecia humilhado" – , muito menos se sentia protegido longe de sua casa, quando seu desconforto é refletido em "Não pôde dormir", "sem poder pregar os olhos". Ainda que nesse fragmento, o personagem demonstra seu medo e inquietação ao dormir na mata: "gemiam as vozes da noite", "viu que não era nada".

Dessa maneira, ele se percebe não *homem* como aquele que compartilham o sossego, coragem mesmo estando na mesma situação que ele, "deitados na (mesma) terra". Os homens literalmente descansavam, pois sua despreocupação está em "roncavam alto" e seu sogro "enrolado para um canto", ou seja, eles se sentiam confiantes. Em contrapartida, Lula é um homem medroso pela descrição do narrador e observamos que o ambiente, aos olhos de Lula, era mais tenebroso, mais denso, mais assustador, ele estava depositado no "ermo do sertão". Consequentemente, vemos sua fraqueza quando nitidamente lembra do pai, antes de tudo, no sentido de comparação: "força nenhuma tinha para ser com fora o pai", porém, podemos ter

uma visão mais profunda, se relacionarmos o pai de Lula com a figura de bravura do sertanejo/nordestino.

Ao prosseguir, Lula inova nas características que compõem as masculinidades nordestinas, o temos como exceção, pois rompe com as expectativas do sogro, posteriormente ao casório. Recém-casado, Lula falha drasticamente na correspondência às expectativas do capitão Tomás Cabral, pois se desvia das características do homem do interior, à vista disso, sua masculinidade é colocada em xeque pelo capitão.

Ademais, era nítida sua vaidade e delicadeza, inclusive, traços elogiados pela esposa, sogra e as escravizadas, ou seja, a aceitação das características explícitas do jovem senhor Luís de Holanda conecta-o às figuras femininas que o rodeava. Vejamos: "as negras elogiavam os modos do jovem senhor […], todo pegado com a mulher como só se via na história de príncipes e de princesas. O capitão era que não podia entender o gênio daquele rapaz" (Rego, 2021, p. 192). Por isso, a *homência* de Lula é posta em questão, além disso, as cenas de Lula e Amélia nos conduz a pensar que ele é sem sombra de dúvida díspar da realidade sertaneja. Ao observarmos que ambos fazem parte de um mundo encantado, 'história de príncipes e de princesas', rapidamente temos que lembrar que esse não é o comportamento do homem sertanejo/nordestino. Vejamos outra descrição de Seu Lula:

> Era homem fino. Via-o com aquela barba preta tão bem-tratada, com o jeito de falar, as maneiras de homem que podia sentar-se na mesa do barão de Goiana sem fazer vergonha. Se tivesse dado Amélia em casamento a um filho de Manuel César do Taipu, estaria com a bichinha sofrendo nas mãos daquele brutamonte. Amélia era feliz com o primo delicado (Rego, 2021, p. 193).

Não obstante, é transparente o jeito único do jovem Lula naquele casarão, como também na região, uma vez que, podemos perceber que há uma comparação do Luís de Holanda com o filho de Manuel Taipu, candidato anterior para o casamento com a moça Amélia. Logo, Amélia se beneficiava da conduta passiva do marido, todavia, não teria a mesma vantagem se seu pai permitisse o casamento com o pretendente anterior, porque o filho do Manuel Taipu é o protótipo de masculino sertanejo/nordestino. Neste espaço, em Pilar, as mulheres eram submissas às inúmeras vontades dos seus maridos e isso pressupõem que o antecessor de Amélia seguiria o padrão de masculinidade estereotipado em nossa cultura, ou seja, o homem viril e violento. Seu Lula foge desse padrão e isso agrada à Amélia e descontenta o Capitão Tomás. Vejamos:

> Não era capaz de pegar um cavalo e sair de campo afora para ver um partido. Em todo caso tomou por acanhamento. Sem dúvida que não achava que fosse direito estar a se meter na direção do engenho. Mandasse o sogro. O velho, porém, quis pôr o genro à vontade, e um dia falou-lhe. Dava-lhe o partido de cima para que tomasse conta. Ele ali seria como filho, teria toda a força de mando. O rapaz ouviu calado as palavras do capitão e deu para sair pela manhã para olhar os serviços. […] O capitão não se satisfazia com a orientação do genro. Negro precisava de senhor de olhos abertos, de mãos duras. O genro pareceu-lhe uma leseira (Rego, 2021, p. 191).

O rapaz Luís Chacon não correspondia às expectativas do sogro, porque não estava inserido nos padrões que se esperava de um homem de pulso forte, do contrário, Lula transparece "leseira". Devido ao comportamento frágil de Lula, o Capitão Tomaz começa a pensar sobre o futuro de suas posses: "e começou o capitão Tomás a sofrer pelo futuro do Santa Fé. O que fariam os negros com um banana na casa-grande, ouvindo piano, lendo jornais, tratando da barba?" (Rego, 2021, p. 195). Por outro lado, a esposa do capitão Tomás e filha, Amélia, admirava aquele ser companheiro: "a mãe achava bonito tudo aquilo […] Amélia encontrara um homem de natureza tão boa, tão amorosa" (Rego, 2021, p. 191). O jovem

Holanda estava inserido em uma situação de *automarginalização,* mas, a princípio, suas atitudes foram tidas como "acanhamento", pelo Capitão Tomás. Contudo, Lula está deslocado socialmente e de acordo com Henrique (2022, p. 21) "é notório o desajuste de Seu Lula com o *status quo,* ao decorrer da trama se evidencia suas vulnerabilidades e o destino desse personagem […]". Na perspectiva do Capitão Tomás, Lula não se enquadra à figura de ser homem nordestino:

> Quisera somente que o genro criasse gosto pelo engenho.[...] O que o capitão mais desejava era um marido para a filha que tivesse fôlego para o trabalho, que se entregasse com todo o corpo ao engenho. Mas o genro só queria viver de sala, naquela lordeza, falando de política, de gente de um mundo que não lhe interessava. (Rego, 2012, p. 203).

Ainda no mesmo pensamento, Lula não exprime as condutas imposta ao homem sertanejo/nordestino. O personagem não alinha as atividades que o papel do homem ali demandava e desconstrói os muitos aspectos do ideal dos caracteres do ser homem para o contexto de Pilar, assim como, personifica o declínio nas pretensões do capitão Tomás. Inicialmente, ele, desinteressado daquelas ações desempenhadas pelo sogro, cedia a vida doméstica passiva que, geralmente, era imposição do patriarcado para com as mulheres. Dessa forma, o personagem transformava o casarão em abrigo "queria viver de sala", além disso, Lula é desprezado por sua intelectualidade, dado que, o interesse desse era a esfera complexa da política e seus componentes, assunto de um mundo que não interessava ao Capitão Tomás.

Na fase inicial do engenho Santa Fé, após a morte do capitão Tomás, temos o declínio moral de Lula, uma vez que este não tem força para a administração da propriedade, assim quem passa a conduzir os destinos do engenho é a sua mulher. O narrador assevera: "o Santa Fé não seria aquele da saúde do capitão Tomás, mas ia andando com a energia da mulher de expediente de homem. Aquilo dera o que falar" (Rego, 2021, p. 205). Este trecho é de suma impotência, pois Lula abdica do poder e *destrói* o modelo patriarcal dando a posição máxima das decisões à figura feminina, esse é o motivo de vergonha para um homem, pois "dera o que falar".

Outrossim, alguns aspectos de fraqueza do coronel Lula são observados, através de sua convivência com mulheres. Isto nos induz a refletir que para várias situações locais, as mulheres são "incapazes" de se defender, ou seja, necessitam de um homem de vigor, coragem, sendo assim, Lula não cumpre este papel. As decisões que necessitam do posicionamento de Lula são interrompidas por ataques epiléticos. Outra vez, temos a fraqueza explicitada em relação à saúde do novo coronel e a sua incapacidade de resolver problemas.

No período de libertação dos escravizados, um grupo de negros passaram na porta do casarão, em busca do feitor do coronel. Lula irado, não suporta a pressão, se arma, mas não tem força para usar o "clavinote" e acaba tendo um ataque epilético. À vista disso, Lula, nem mesmo, tem controle de suas terras quando não consegue impor sua decisão de expulsar o Mestre José Amaro e conter o bando de cangaceiros de Antônio Silvino. Vejamos a cena:

> Seu Lula abriu a porta da frente, e D. Amélia acendeu o candeeiro da sala de visitas. Entrou na sala o capitão Antonio Silvino, de peito coberto de medalhas, de anéis nos dedos, de rifle pequeno na mão, e o punhal atravessado na cintura, Os cabras ficaram na porta. (Rego, 2021, p. 324).

A resolução da invasão dos cangaceiros à casa de Lula é contida por outro coronel, o vizinho, José Paulino, depois da intercessão fracassada do capitão Vitorino, enquanto a fraqueza de Lula lhe faz novamente ter um ataque ao invés de se posicionar diante do ocorrido. Sobre o encontro entre Lula de Holanda e Antônio Silvino, o narrador descreve: "o cangaceiro soltou-o e o corpo do coronel estendeu-se no chão, batendo com uma fúria desesperada. Os cangaceiros

cercaram para ver o ataque" (Rego, 2021, p. 327). Lula de Holanda é o avesso da *homência* estereotipada referente à figura do sertanejo/nordestino, contudo, a masculinidade dele está relacionada às especificidades outras, ou seja, se constrói mediante outros paradigmas.

Deste modo, essa discussão evidencia que: temos um padrão estereotipado referente à figura do sertanejo/nordestino. Adotamos essa junção (sertanejo e nordestino), pois tomamos algumas características de Cunha (2014) e outros atributos contidos no estudo de Muniz (1999). Essas características despontam no comportamento do homem interiorano, mas não instaura um padrão único de comportamento. Logo, temos o conceito de masculinidades que evoca uma diferenciação na construção da masculinidade do sujeito, em nosso caso, Lula de Holanda.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo dos debates contidos nesse trabalho, a respeito das masculinidades, podemos refletir como os comportamentos dos personagens influenciam na identificação do homem, ora tradicional, como traçado as características que estruturam as masculinidades estereotipadas do sujeito nordestino. Como exemplo dessas alegorias, destacam-se a força, a posse e o poder, que se sobrepõem a tudo, isso se evidencia no fato de os indivíduos serem moldados, tanto física quanto psicologicamente, para resistirem ao ambiente em que estão inseridos. Porém, somado a esses atributos temos a violência, ferramenta adquirida para a resolução dos conflitos no panorama interiorano, como também estabelecida para o controle do poder patriarcal, e apetrechos resumidos a rusticidades, nesse quesito englobam, em sua maioria.

Noutra perspectiva, enxergamos novos elementos compositores da masculinidade, por meio da análise do personagem Lula de Holanda, composta por características, sobretudo, contraditórias da visão difundida de modo geral. Este personagem explicita elementos passivos de masculinidade, até mesmo rompe inteiramente com o sistema de *homência* sertanejo, dado que, Lula é alicerçado por condutas popularmente decrescentes. Tais aspectos são entendidos pela ignorância com as condutas femininas, pacíficas, nesse viés, sua maior característica é a intelectualidade, vista com uma habilidade não funcional para o ambiente prático sertanejo.

Portanto, com base primordial na obra de José Lins do Rego, presenciamos aspectos regionais, realçando os conflitos sociais e culturais, que intervém significativamente nas individualidades, entrelaçando classe, moralidade e os padrões socioemocionais que integram suas *homências*. Acerca do exposto, atingimos os objetivos, uma vez que delimitamos um repertório crítico da história do surgimento da figura masculina do interior nordestino, desmistificamos a homogeneidade das masculinidades, difundida erroneamente quando pensamentos homem/nordeste. Além disso, analisamos a contribuição de Lula de Holanda para investigarmos a aparição da heterogeneidade masculina, fixando o leque de elementos que o mesmo insere para notificamos esse rompimento.

A relevância desse estudo crítico está na contribuição na linha dos estudos das masculinidades através da literatura brasileira. Da mesma maneira, transborda o fato de vermos o declínio na perspectiva financeira e econômica do romance *Fogo Morto* (1943), inovando no eixo de pesquisa de masculinidades nessa obra, e viabiliza novas observações neste campus em outros romances regionais, além, favorece o desenvolvimento de possíveis caminhos para pesquisas em outras nuances, como: patriarcado, machismo, secundarização feminina em *Fogo Morto* – aliás, esse estudo poderá servir, a longo prazo, como possibilidade de investigação profunda sobre esses pontuados e outros.

Em continuidade, sintetizamos que os resultados encontrados na investigação atestam a tese de que a masculinidade não é um aspecto social invariável, pois é construção sociocultural. Logo, esse aspecto humano é variável quando imaginamos culturas no plural, a mesma está presente em tempos e espaços, e nesta está contido pontos significativos que preenche as lacunas exploradas da ignorância.

Assim, consideramos a maleabilidade da masculinidade de acordo com raça, posição social, orientação sexual, faixa etária e regiões. Portanto, a importância da temática nas especificidades do Nordeste apresenta uma riqueza cultural de identidades nordestinas pouco veiculada, reforçando a necessidade de aprofundamento.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Pedro Henrique Queiroz. **Amargurado dulçor: poder, submissão, coronelismo e cangaço na decadência dos engenhos açucareiros nordestinos através de Fogo Morto.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, p. 08-33. 2022. 33 f.

DE KEIJZER, Benno. Hasta donde el cuerpo aguante: género, cuerpo y salud masculina. **La salud como derecho ciudadano: perspectivas y propuestas desde América Latina.** Foro Internacional en Ciencias Sociales y Salud, Lima, Perú, 137-152, jan, 2003. Disponível em: http://www.cij.gob.mx/tratamiento/pages/pdf/GeneroCuerpoSaludMasculina.pdf. Acesso em: 21 nov. 2024.

FERNANDES, Luciana de Medeiros; DE ALBUQUERQUE, Andrew Luis Cabral. **Ser homem: um estudo sobre as masculinidades no interior do Nordeste brasileiro**. O Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa (CIAIQ), v. 2, p. 559-568, 25 jun, 2019. Disponível em: https://proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ2019/article/view/2126/2053. Acesso em: 20 nov. 2024.

GOUVEIA, Arturo. **As Angústias do Outono: Uma proposta da análise crítica de Fogo Morto, de José Lins do Rego.** 4 Coleção Ambiente. João Pessoa: Editora Manufatura, 2004.

MUNIZ, Durval de Albuquerque Júnior. **Quem é froxo não se mente: Violência e masculinidade como elementos construtivos da imagem do nordestino.** Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 19, jun/dez. 1999. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10928. Acesso em: 13 nov. 2024.

REGO, José Lins do. **Fogo Morto.** 82. ed. São Paulo: Global Editora, 2021.

SOARES, Cristiana Soares de Oliveira; DOS SANTOS, Luana Rafaela de Souza; DA SILVA, Taís Lima. **Crise, Decadência e Transição em Fogo Morto.** Anais do FLIPA, Paulo Afonso, p. 118-136, 2018. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/eventos/flipa/anais/arquivos/2018/crise_decadencia_e_transicao_em_fogo_morto.pdf. Acesso em: 13 nov. 2024.